

Experiências de Sustentabilidade na Moda

Régis Puppim, Mestrando em Arte e Cultura Visual(UFG)

Resumo

Este artigo vislumbra provocar reflexões nas diferentes áreas de conhecimento, especialmente a Moda, mesclando-as com sustentabilidade, seu desenvolver e desdobrar. Registram-se, nele, duas experiências que aprofundam o conhecimento sobre a aplicabilidade de Sustentabilidade na Moda, no Brasil: Projeto Talentos do Brasil, exemplar de “*Slow Design*” e um projeto que resultou na produção peças usando resíduos têxteis, aplicando conceitos de “Reciclagem, Reuso e Redesign”.

Palavras-chaves: *Moda Sustentável, Projeto Talentos do Brasil e Centro Mineiro de Referência em Resíduos (CMRR).*

Abstract

This article seeks to cause reflections into different knowledge areas, especially in Fashion, mixing with Sustainability, its development and unfold. It is registered, in it, two experiences that deepen the knowledge about Sustainability in Fashion, in Brazil: “Talentos do Brasil” Project, a Slow Design exemplar and a project which resulted in production of clothing using textile residues, applying concepts of Recycle, Reuse and Redesign.

Key words: *Sustainability in Fashion, “Talentos do Brasil” Project and Mineiro Center for Excellence in Residue (CMRR).*

Atualmente nos deparamos com uma série de notícias, artigos e reportagens que discutem a importância da reflexão sobre a sustentabilidade em muitas áreas de conhecimento, pesquisas e estudos. O assunto está muito presente, nos últimos tempos, principalmente, pela proximidade do evento “Conferência da Rio +20”. Assim, colocamos efetivamente em pauta a discussão sobre a aplicação desta sustentabilidade nas diversas vertentes, em especial, questionamos como a Moda estaria inserida neste contexto.

Notamos que os debates recentes buscam resgatar a origem da preocupação com a questão da sustentabilidade, o tema muitas vezes não é aprofundado suficientemente nas publicações relacionadas, mas Eli da Veiga registra, contextualizando, esta lacuna apresentada, sobre o surgimento desta questão:

Até o final dos anos 1970, o adjetivo “Sustentável” não passava de um jargão técnico usado por algumas comunidades científicas para evocar a possibilidade de um ecossistema não perder sua resiliência, mesmo estando sujeito à agressão humana recorrente. O exemplo mais óbvio é o da pesca que não compromete a reprodução dos cardumes. (VEIGA, 2010, p. 11)

Nesse sentido, vemos que de início as discussões sobre sustentabilidade atrelavam-se à questões científicas, e assim sendo, apoderado de um cunho majoritariamente teórico. Afinal, naquele momento os estudos tratavam de questões de previsões e projeções futuras, ainda incipientes. Que somente anos depois puderam sensibilizar a população, de um modo geral, por conta de desdobramentos dessas previsões, como alguns exemplos de impactos ambientais. Este argumento de Eli da Veiga torna-se mais palpável ao notarmos a conferência internacional de Estocolmo (Suécia) em 1972, cujo foco de debate eram as questões ambientais. Desdobrando-se na Conferência Eco 92, Protocolo de Kyoto, Agenda 21, dentre outros.

Outro aspecto importante para observarmos é esse uso popularizado do termo, e por muitas vezes fictício, com intuito comercial mercadológico, visando embutir o termo à produtos, para que estes pareçam ter um valor muito forte e importante, contemporaneamente, quando muitas vezes não contemplam, sequer, aspectos mais simplórios de “sustentabilidade”, como respeito ao meio ambiente e à biodiversidade. Eli da Veiga ainda nos expõe tal conotação:

Hoje, devido a uma evolução que ainda vai demandar tempo, para ser bem entendida, o substantivo – sustentabilidade – passou a servir gregos e troianos quando querem exprimir vagas ambições de continuidade, durabilidade ou perenidade. Todas remetendo ao futuro. (VEIGA, 2010, p. 12)

Isto é, muito se prega que ao adquirir um produto “sustentável”, todos estaremos contribuindo para um futuro melhor, preservando o meio ambiente, e assim, o planeta terra, para que muitas gerações ainda possam habitar com tranquilidade. Obviamente que esse discurso é extremamente sedutor e reconfortante. Porém, nem tudo o que se apresenta como “sustentável” ou “ecológico”, de fato, segue padrões e critérios sustentáveis e/ou ecológicos.

Um grande exemplo disso são os tecidos feitos de bambu, que frequentemente são enunciados pelos vendedores e fabricantes como o máximo de tecnologia sustentável e o melhor produto ecologicamente correto disponível no mercado. Mas, de acordo com publicação do Fashion Bubbles (2008), articulando posicionamentos de diversos especialistas da área têxtil, esse tecido tem questionamentos muito mais profundos do que a maioria da população consegue perceber, fundamentalmente do processo de feitura deste tecido.

Para se produzir o tecido de bambu não há como não passar por um processo químico. Isso porque o bambu não produz ‘fibras’ passíveis de fiação. Portanto para que tenhamos um tecido de bambu, o processo de desenvolvimento da fibra, para se tornar um fio, posteriormente tecê-lo, beneficiá-lo e aprimorá-lo, para que no fim obtenhamos um produto acabado composto de tecido de bambu, é necessário realizar um processo intimamente similar ao de uma viscose, e nisso implica adição de reagentes químicos, que no final do processo produzem resíduos químicos, que não possuem quaisquer utilidades, e se por ventura, adentrarem os recursos hídricos, causam um dano ambiental profundo e extenso.

Claro que outras questões são apresentadas pelos defensores da qualificação da fibra de bambu como sustentável, como da reposição natural que é feita na planta de bambu, que permite retirada controlada. Porém, aquilo que defendemos aqui não é a sacralização ou repulsa dessa fibra como “sustentável” e/ou “ecologicamente correta”. O quê, de fato, vislumbramos aqui

é questionar atitudes e interpelações que muitas vezes tendem a não querer explicar os motivos de uma denominação ou titulação de um produto.

A dúvida é um estado de espírito polivalente. Pode significar o fim de uma fé, ou pode significar o começo de uma outra. Pode ainda, se levada ao extremo, ser vista como “ceticismo”, isto é, como uma espécie de fé invertida. Em dose moderada estimula o pensamento. Em dose excessiva paralisa toda atividade mental. A dúvida como exercício intelectual, proporciona um dos poucos prazeres puros, mas como experiência moral ela é uma tortura. (...) O espírito ingênuo e inocente crê. Ele tem “boa fé”. A dúvida acaba com a ingenuidade e inocência do espírito e, embora possa produzir uma fé nova e melhor, esta não mais será “boa”. (FLUSSER, 1999, p. 17)

Mesmo que arraigado num pensamento filosófico e intelectualmente teórico, Flusser nos expõe a ideia de que questionar aquilo que nos colocam cotidianamente como “verdades absolutas” – ou fé – podem, e devem, ser relativizadas e assim, possibilitando levantar debates e discussões que muito podem prover ao intelecto humano. Ou seja, não é necessário expurgar a ideia da existência de produtos sustentáveis, mas sim, questioná-las, afim de gerar pesquisa e investigação de pormenores destes produtos, incluso assim, o modo de fabricação, por exemplo.

WOLF (1996) nos remonta a ideia de que o compromisso da indústria com o meio ambiente, e questões ambientais é de suma importância para um desenvolvimento “saudável” e “benéfico”, ou nas palavras do autor, “*um verdadeiro desenvolvimento*”. De fato é um discurso incentivador, porém, alcançar verdadeiramente o adjetivo “sustentável” e alicerçar todos seus quesitos contemplados nesta ideia jamais será simples. Afinal, a sustentabilidade não leva em conta apenas questões pontuais, mas sim, um processo com uma total perspectiva da questão e de novos valores, como nos conceitua Sachs, um dos grandes baluartes e intelectuais do “pensar sobre sustentabilidade”:

Social: (...) distribuição de renda justa (...) igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais. (...) Cultural: (...) equilíbrio entre respeito à tradição e inovação. Capacidade de autonomia para elaboração de um projeto nacional integrado e endógeno. (...) Ecológica: preservação do capital natureza na sua produção de recursos renováveis; limitar o uso de recursos não-renováveis. Ambiental: respeitar e realçar a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais. Territorial: (...) melhoria do ambiente urbano. (...) Econômico: desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado; segurança alimentar; capacidade de modernização contínua (...) Política: democracia definida em termos de apropriação universal dos

direitos humanos;(...) um nível de coesão social. Política internacional: eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU, na garantia da paz e na promoção da cooperação internacional. (SACHS, 2009, p. 85 – 87)

Partindo destes critérios de Sustentabilidade apresentados, nos deparamos, então, com um filtro muito rigoroso para podermos executar um projeto que desenvolva um “produto sustentável”. Entretanto, lembramos que Sachs fala de sustentabilidade num âmbito geral, e não específico a alguma área de conhecimento e estudo.

No que se refere à Moda, como campo de estudo, Matilda Lee, em sua importante publicação “Eco Chic: o guia da moda ética para a consumidora consciente “, nos traduz algum dos pensamentos primordiais de se mesclar Moda e Sustentabilidade:

Há alguns anos, a menção do termo *eco fashion* era o suficiente para causar um ataque cardíaco nos especialistas em moda. Conjurando imagens de sandálias feias e de tecidos rústicos cor de lama, deixavam o assunto para um círculo de poucos e seletos virtuosos. Mesmo aqueles entre nós que tentavam viver no estilo mais “verde” possível – comendo alimentos orgânicos e produzindo em localidades próximas e reduzindo a emissão de carbono – tinham de parar na hora de fazer escolhas “verdes” para seus guarda-roupas. Afinal, uma alimentação saudável com comidas mais gostosas era uma coisa, mas muitas pessoas se perguntavam quais eram os benefícios, se é que havia um, de vestir roupas orgânicas. (LEE, 2009, p. 9)

A autora nos contextualiza sobre um passado não tão distante, que para muitos ainda é atual. E para alguns, ainda há de esperar gerações para que possa efetivamente abatê-los conceitualmente. Afinal, conforme Gilles LIPOVETSKY (1989), a moda como fruto do uso da sociedade se dá como um conceito frívolo, originário num mundo moderno, ocidental e capitalista. Onde sua função central seria estímulo ao consumo.

Se para muitos autores a conceituação central da Sustentabilidade na Moda seja de diminuição deste consumo (compra e aquisição de produtos), as grandes publicações de Moda e o mercado de Luxo de moda sujeitam os seus “expectadores” o uso contínuo daquele, destacado, hábito frívolo. Gerando um grande embate teórico e fundamentalista, onde aparentemente, se preocupar com questões sustentáveis em Moda, significaria o resultado de um poder aquisitivo menor, e, portanto, tão fútil e simplista quanto o consumo descomedido, vislumbrando apenas a “demonstração de poder de consumo”.

No momento em que a tecnologia se alia às questões da sustentabilidade, com intuito de poder gerar tecnologias sustentáveis e desenvolver produtos com alto refinamento de acabamento, ou mesmo tecidos de novas matérias-primas, contemplando os ideais sustentáveis, esta guerra conceitual cai por terra, e passa a abarcar vários setores e segmentos do mercado. Talvez deveríamos usar como exemplo da contemplação da “ideologia” sustentável na Moda dos mercados Classe A¹, a marca brasileira Osklen, que apresenta produtos ecologicamente corretos (e o seu processo de motivações para ganhar este nome parece coerente), com preços muito compatíveis ao mercado de luxo.

Outra questão sempre muito recorrente é de que existe uma certa dificuldade para essa “Moda Sustentável” penetrar conceitualmente nos princípios fundamentais de Design, um deles, no proposto por Lucy NIEMEYER (2007), o da reprodutibilidade.

Entendendo muito bem esta questão, Sass Brown, desmantela qualquer ideia de que a Moda Sustentável seria mais do campo da Arte – e intimamente ligada ao artesanato – que do Design, como atualmente se posiciona a Moda como campo de estudo, através das experiências desenvolvidas e apresentadas em seu livro “ECO FASHION”.

A autora retrata inicialmente as razões da importância de se pensar em Moda articulada com a Sustentabilidade: “*Tal como qualquer outra afirmação social e política através da arte, eco fashion é uma reação às condições sociais e ecológicas*”² (BROWN, 2010, p. 9)

Além de conceituar com muita propriedade, coesão e clareza do que se trata essa sustentabilidade na Moda, ela pontua perspectivas importantes de como a sustentabilidade pode se aplicar na Moda, e nos relembra o momento contemporâneo, quais marcas e designers podem servir como referência em cada uma das frentes de estudo. Cada capítulo retrata uma destas vertentes, assim sendo: 1. Comunidade & Comércio Justo, 2. Ecológico & Slow Design, 3. Reciclagem, reuso e redesign, 4. Novos modelos e 5. Iniciativas de designers e

¹ Conceituação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

² Traduzido, pelo autor deste artigo, de: “*As any other social and political statements through commercial art, eco fashion is a reaction to social and ecological conditions.*”

corporações.³ Destacaremos a seguir algumas destas perspectivas para demonstrar o cunho de ECO FASHION de algumas ações e projetos realizados no Brasil.

Em 2005, após um levantamento do Ministério do Desenvolvimento Agrário, sob coordenação da consultora Patrícia Afonso Guimarães Mendes, que constatou que diversas cooperativas locais no Brasil estavam com uma projeção de renda muito baixa para as suas artesãs cooperadas. Nesse sentido, o intuito do Projeto Talentos do Brasil foi de enobrecer os produtos destas artesãs, com critérios para acabamento de confecção, manter as técnicas artesanais culturalmente repassadas por gerações, adicionar princípios do Design e tendências de Moda aos produtos, e conseqüentemente, trazer maior renda às cooperadas associadas ao projeto. Além claro, de colocar nos produtos, princípios fundamentais de Sustentabilidade, como da aquisição de matéria-prima, modo de extração e manejo dos materiais utilizados, bem como, uma tabulação de *Fair Trade*⁴ nos produtos, expondo todo o processo do ciclo de fabricação dos mesmos, disponibilizando fichas técnicas que mostram todos os valores que contribuíram para o preço final do produto.

De lá para cá, o Projeto cresceu muito e já conta com um reconhecimento, inclusive, internacional. Tendo participado de diversas feiras e eventos importantes no circuito da Moda, como *Capital Fashion Week*, *São Paulo Fashion Week*, *Rio Fashion*, *Minas Trend Preview* e mesmo o *Paris Prêt-à-porter*. Também, de feiras de Sustentabilidade, como a *Feira do Agricultor* e o maior evento mundial da Biodiversidade, a *Bio Fach*. Além disso, diversos estilistas e designers brasileiros de amplo reconhecimento já estiveram dentro da equipe de responsáveis “artísticos” do projeto, entre eles, Ronaldo Fraga, Teresa Santos, Melk Zda, Jum Nakao, Mary Design e Renato Loureiro. E ainda, o projeto está com presença confirmada no espaço da feira Rio +20, a acontecer no ano em curso.

³ Traduzido, pelo autor deste artigo, de: “1. *Community & Fair Trade*, 2. *Ecological & Slow Desing*, 3. *Recycle, Reuse & Redesign*, 4. *New models* e 5. *Designer & Corporate Initiatives*.”

⁴ Princípio da Sustentabilidade, no proposto por SACHS (2009), que demonstra que o produto não está agregando valores de modo arbitrário, mas apenas correspondendo aos valores que foram gastos para confecção do mesmo.

De acordo com BROWN (2010), numa das perspectivas de Eco Fashion, intitulada *Slow Design*, a ideia central é da articulação de dois fundamentos, que por um lado mantém as técnicas artesanais elaboradas por artesãos que detém este conhecimento, e por outro proporciona tecnologia, referenciado por um designer responsável, conhecedor de princípios do design, e capaz de fazer a junção da melhor tecnologia disponível para aperfeiçoar o produto, com aspectos artesanais, em termos de acabamento, deixá-lo esteticamente atraente e comercialmente rentável.

Deste modo, o Talentos do Brasil, sem sombra de dúvidas, é um dos maiores representantes brasileiros desta perspectiva de Sustentabilidade na Moda. Durante a coleção de 2011, nomeada “Flores”, o autor deste artigo participou da equipe de profissionais responsáveis pela criação e desenvolvimento. E assim, foi possível entender todo o processo de articulação, para que os produtos, os participantes e o projeto, em si e num todo, respeitem criteriosamente as diversas questões da Sustentabilidade.

Posteriormente, o autor deste artigo ainda foi contratado para fazer parte da equipe técnica do projeto, ficando responsável às questões ligadas ao Design dentro do projeto, e sendo parte da coordenação do projeto de coleção para o ano de 2012. Neste período, também participamos da equipe que levou o projeto à *Bio Fach 2012*, que ocorreu em Fevereiro, na cidade de Nuremberg(Alemanha). Esta experiência nos mostrou que a preocupação central de quem busca os produtos sustentáveis, sobretudo os de Moda, é o de averiguar a certificação, por meio de selos, de conformidade com padrões internacionais de sustentabilidade.

Partindo deste princípio, enxergamos que existe uma dificuldade muito grande no Brasil para obter estas certificações. Primeiro, por serem poucas as empresas que certificam dentro do Brasil. Segundo, em função do projeto abarcar uma gama muito grande de matérias-primas, como lã, algodão orgânico, fibra de piaçava, fibra de buriti, couro de peixe, entre outros, e assim dificultando o processo de certificação do projeto como um todo, afinal, estas poucas empresas que emitem os selos, não tem conhecimento específico destes padrões para os diferentes materiais utilizados na confecção dos produtos.

Assim, a equipe técnica do projeto está elaborando um Manual de Sustentabilidade, onde está previsto o registro minucioso de todas as etapas de fabricação e confecção do produto, desde a extração das matérias-primas, plano de manejo, conservação de culturas locais, até a distribuição de renda, e as questões intrínsecas à Sustentabilidade num âmbito Social, ou mesmo a distribuição e logística do projeto. A intenção fundamental deste manual é demonstrar com coerência e transparência todo o ciclo do projeto, fundamentado nos padrões da Sustentabilidade.

Outro enfoque que Sass Brown adota em seu livro é sobre o curto ciclo dos produtos de Moda, propondo, e exemplificando com empresas que trabalham neste sentido, “Reciclagem, Reuso e Redesign”. No argumento de BROWN (2010), a reciclagem remete a utilizarmos materiais têxteis que originalmente não eram direcionados aos produtos de vestuário e acessórios, mas que podem ser adaptados, quando o produto deste material seria descartado. O reuso assemelha-se à customização, ativado quando fazemos mudanças superficiais e estéticas em peças já antigas, ou que não vestíamos mais. E, por fim, o redesign simboliza alterações na função da indumentária, no que se refere ao design original, isto é, quando se utiliza o material têxtil de uma camisa, para fazer um short, por exemplo.

Assim, o Centro Mineiro de Referência em Resíduos (CMRR), localizado na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, subordinado ao Governo do Estado, trabalha há muitos anos como um órgão referencial para a reciclagem, tendo oficinas e trabalhos realizados em papel, papelão, metal, e até mesmo computadores. Porém, até 2011, eles possuíam uma grande demanda de trabalho em resíduos têxteis (retalhos, aparas e algumas peças pilotos, da indústria de confecção mineira, desmanchadas), que era utilizada apenas em oficinas de artesanato aplicadas dentro do Centro. Além disso, existia uma grande articulação para que o CMRR fizesse alguma utilização, reciclando, as bolsas de malotes dos Correios, que de acordo com os responsáveis do órgão no estado de Minas Gerais, eram incineradas a cada ano cerca de uma tonelada, por não existir outra funcionalidade para elas. Então, para desenvolver um projeto com cunho mais comercial, destes resíduos têxteis para a Moda, o autor deste artigo foi convidado a elaborar uma proposta que contemplasse a lacuna do ramo de atividades do CMRR. Deste modo,

desenvolvemos uma coleção intitulada “Moda e Reciclagem”, que referendou os conceitos de “Reciclagem, Reuso e Redesign” de Brown, numa perspectiva genuinamente brasileira. Utilizando para construção das peças de vestuário, retalhos de tecidos (redesign), o material têxtil de bolsas de malotes (reciclagem), e adaptações nas peças que já existiam prontas (reuso). Com esta experiência, que foi inicialmente apresentada no evento “10º Festival Lixo & Cidadania”, tivemos, inclusive, a oportunidade de fazer a apresentação dessa coleção durante o evento que comemorou o Natal dos Catadores com a Presidenta da República do Brasil, em Dezembro de 2011, com a presença da Presidenta Dilma Rousseff e de diversos ministros, que culminou num desfile onde foi mostrado o resultado do trabalho. (conforme figura 1)



Figura 1: Apresentação da Coleção durante o Natal dos Catadores com a Presidenta, em 2011

Muito se questiona se a confecção destas roupas não estaria apenas gerando novos resíduos. A argumentação sensata que acreditamos existir é que essas “novas roupas” não seriam resíduos, por estarem permeadas de tendências de Moda atuais. Além disso, reposicionar no ciclo da Moda, resíduos e peças que estariam destinadas apenas ao aumento do montante de

resíduos em aterros e lixões, colocando-os, ou inserindo de modo diferente, novamente neste ciclo. Nesse sentido, citamos o proposto por Kate Fletcher:

(...) Não é exagero, por exemplo, imaginar uma época em que todos conheçam o “metabolismo” do seu guarda-roupa e tenham a capacidade de ajustá-lo. Em vez de meros receptáculos periodicamente esvaziados para abrir espaço, os guarda-roupas tornam-se lugares de equilíbrio dinâmico; as roupas são retrabalhadas, compartilhadas e reutilizadas sem requerer um fluxo constante de novos produtos e recursos. Aqui, a compra já não está no centro da experiência dos indivíduos, ao considerar a durabilidade ideal de cada peça e renovar seu guarda-roupa e a si mesmo de novas maneiras. (FLETCHER, 2011, p. 88)

Ou seja, mesmo que incipiente, essa parceria de projeto pode proporcionar uma “degustação” do que está por vir, no pensamento do consumo de produtos de Moda.

Enfim, estas experiências práticas feitas após uma profunda leitura teórica sobre Sustentabilidade e suas aplicações em Moda, pudemos avançar no entendimento destas diferentes faces da questão.

Sobretudo devemos destacar que estas experiências nos puderam demonstrar que o intuito dos autores e dos projetos realizados, não é pregar uma nova verdade incontestável de como “devemos agir” daqui avante. Muito menos de radicalizar ao extremo a opinião, com cunho ambiental fundamentalista, e pregar que apedrejemos aquelas empresas que não seguirem estes critérios.

Vislumbramos que com esta argumentação e nas experiências que expusemos possamos semear um pensamento crítico sobre os produtos, o discurso embutido nele, a pesquisa da origem e da cadeia produtiva, e acima de tudo, o repensar nosso modo de consumo.

A moda encoraja o que ‘desejamos’, não o que ‘precisamos’, e forma uma parceria desconfortável com a ecologia. Como uma indústria fundada no artifício e na mudança perpétua pode realmente se tornar uma verdadeira amiga da Terra? (LEE, Apud. HANDLEY, Susannah, 2011, p. 9)

Esta não é uma pergunta que deve ser estudada e respondida, mas sim, debatida, com intuito de proporcionar o desenvolvimento de um pensamento crítico e assim, podendo gerar consumidores criteriosos e responsáveis com a sustentabilidade.

Referências Bibliográficas e eletrônicas:

BROWN, Sass. **Eco Fashion**. London: Laurence King Publishin Ltd, 2010. 208p.

CAROSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Editora Blucher, 2008. 272p.

CMRR – Centro Mineiro de Referência em Resíduos. Disponível em <http://www.cmrr.mg.gov.br>. Acessado em 30 de Abril de 2012.

COOPERÚNICA. Disponível em: <http://www.cooperunica.com.br>. Acessado em 25 de Abril de 2012.

FIBRA de bambu – prós e contras. Disponível em: <http://www.fashionbubbles.com/moda/fibra-de-bambu-pros-e-contras/>. Acessado em 20 de Abril de 2012.

FLETCHER, Kate. **Moda & Sustentabilidade: design para mudança**. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. 192p.

FLUSSER, Vilém. **A dúvida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.17 a p.27.

LEE, Matilda. **Eco Chic: o guia da moda ética para a consumidora consciente**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009. 224p.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 347p.

MORAES, Dijon. **Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem**. São Paulo: Blucher, 2006. 290p.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil – Origens e Instalação**. Rio de Janeiro: 2AB, 1997. 90p. (Coleção Design)

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 95p.

TALENTOS do Brasil. Disponível em: <http://www.talentosdobrasil.com.br> . Acessado em 22 de Abril de 2012.

TALENTOS do Brasil. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/portal/saf/programas/talentosdobrasil>. Acessado em 22 de Abril de 2012.

UDALE, Jenny. **Fundamentos de design de moda: tecidos e moda**. Porto Alegre: Bookman, 2009. 175p. (Coleção Fundamentos de design de moda)

VEIGA, José Eli da. **Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010. 160p.